

RELATO DE EXPERIÊNCIA: A PRÁTICA PEDAGÓGICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Maycon Karillos Napolitano da Silva

Universidade Estadual de Goiás Unu-ESEFFEGO

Lílian Brandão Bandeira

Universidade Estadual de Goiás Unu-ESEFFEGO

Jéssica Alves De Jesus

Universidade Estadual De Goiás Unu- ESEFFEGO

Yasmin Cristina Rodrigues Gonçalves

Universidade Estadual De Goiás Unu-ESEFFEGO

INTRODUÇÃO

A Educação Infantil tem suas raízes na filantropia e no assistencialismo à criança pequena em que se privilegiava o cuidado básico de alimentação, higiene e local para se resguardar enquanto os pais trabalhavam (STEMER, 2012; KRAMER, 2005). A Educação Física em atuação nos anos iniciais de escolarização da Educação Básica, procura garantir experiências lúdicas e de significados culturais que garantam o desenvolvimento integral das crianças (BNCC, 2018). Assim, os desafios são eminentes à recém emancipada Educação Infantil, que determina que a criança é provedora de próprio conhecimento e tradicionalmente induz a centralidade e responsabilidade do aprendizado a ela (ARCE, 2004), inibindo o sujeito de compreender as demandas diferenciadas no ensino subsequente.

Neste contexto, a prática do estágio propiciou a prática pedagógica da Educação Física nos anos iniciais do ensino fundamental. Então, foi escolhido o conteúdo da Ginástica contemplando um conhecimento da cultura corporal, e estruturamos um projeto de intervenção baseado na análise de conjuntura feita a partir de visitas prévias em Centro de Educação em Período Integral (CEPI) da cidade de Goiânia (GOIÂNIA, 2023). Nosso objetivo era proporcionar aos alunos a vivência de movimentos elementares da ginástica, ampliando seu repertório de conhecimentos da cultura corporal e proporcionar a partir dela envolvimentos

socioculturais.

A turma de alunos era composta por crianças com idade entre 6 e 7 anos composta por 26 alunos, sendo um deles diagnosticado com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

Neste contexto, buscamos aplicar conhecimentos da metodologia de ensino de Educação Física Crítico-Superadora (SOARES et al., 2012). Esse método baseia-se na ideia de que a Educação Física tem o objetivo de ensinar as capacidades de corporalidade a partir dos conhecimentos da cultura corporal, que é o conhecimento humanamente produzido no decorrer histórico e se expressa no esporte, na dança, nas lutas, na ginástica, nos jogos e brincadeiras (SOARES et al, 2012). Assim, como processo de avaliação, levamos em conta as relações aluno-professor-conhecimento, que desemboca na mediação entre o conhecimento do professor (HOFFMANN, 2010). No entanto, nos anos seguintes serão cobradas em relação à sua produção intelectual, e na Educação Física devem desenvolver habilidades corporais condicionadas à saúde física, emocional e social (BNCC, 2018).

Desta forma, no ensino fundamental de anos iniciais incide com o momento de escolarização, em que há componentes curriculares a serem seguidos e que precisam contemplar o desenvolvimento físico, cognitivo e social dos sujeitos através dos jogos e brincadeiras, da ginástica, das lutas, praticas corporais de aventuras, a inclusão e a cooperação (BNCC, 2018). Assim, como eram crianças recém chegadas da Educação Infantil, foi necessário a utilização de diversas linguagens que instrumentalizassem os conteúdos, pois as brincadeiras e jogos incidem em ser e agir que se expressam pela corporalidade que interage com signos e marcas de um contexto histórico-cultural (SILVA, 2005). Assim, o objetivo deste relato é descrever de primeira experiência de prática pedagógica da Educação Física no Ensino Fundamental nos anos iniciais de uma escola em tempo integral de Goiânia.

A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFANTIL COM A EDUCAÇÃO FÍSICA

A idéia da prática do estágio de Educação Física na Educação Infantil é ao mesmo tempo animadora e desafiadora, a população de aprendizagem é um campo de exploração recente. No decorrer histórico, a criança foi considerada desde apta ao trabalho até a conquista dos direitos atuais, mas também marcada pelo abandono, industrialização do início do século XX e pela conquista de direitos da mulher (MERISSE, 1997). No entanto, a educação infantil contemporânea é baseada numa construção social histórica que possibilita considerar os

sujeitos como seres culturais que no Brasil é marcada por teorias pedagógicas externas e diferentes influências pedagógicas a cada contexto regional (ARCE, 2004). Neste momento contemporâneo, a articulação do direito da criança à Educação se estrutura com referências à Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018).

As intervenções do estágio foram previamente planejadas a partir de análise de conjuntura do agrupamento de intervenção. A turma de alunos era composta por crianças com idade entre 6 e 7 anos, pertencentes à turma do primeiro ano C do ensino fundamental de anos iniciais. A escola de tempo integral e as intervenções se davam no segundo turno, em uma turma com 26 crianças. Além das delas, o ambiente de ensino contava com a presença de uma professora pedagoga e uma professora de apoio, pois havia uma criança com o transtorno do espectro autista (TEA). No entanto, seguimos pela lógica que o ensino do movimento humano possa provocar transformações à sociabilidade em construção das crianças (SAYÃO, 1996).

O referencial pedagógico se baseou na teoria Crítico-Superadora do ensino da Educação Física, com o intenção de possibilitar à criança o acesso aos conhecimento da Cultura Corporal (SOARES, et al., 2012). Deste modo, a avaliação propunha uma perspectiva das relações aluno-professor-conhecimento, proporcionando a mediação entre o professor em formação e o conhecimento transmitido à criança (HOFFMANN, 2010). Por isso as atividades se caracterizavam em temas pertinentes à cultura da ginástica diante de brincadeiras e desafios. É nessa etapa inicial do Ensino Fundamental que as crianças ingressam na escola e começam a desenvolver habilidades acadêmicas mais específicas, diferenciando da educação infantil que a Educação Física é vivenciada por meio de brincadeiras, jogos, atividades lúdicas e com conteúdos mais densos (BRASIL, 2018). No entanto, a partir de reflexões críticas da realidade escolar e seu processo histórico-cultural (KRAMER, 2005; MERISSE, 1997; STEMMER, 2012), documentos curriculares como a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018), leitura de textos relacionados com as características da docência (SILVA, 2005), discussão supervisionada com conjunturas de idéias sobre o campo escolar infantil, foi-se criado um projeto de intervenção, analisando a dos conteúdos da ginástica a serem desenvolvidos.

Foram planejadas 11 intervenções com conteúdos da ginástica e de sequência do mais fácil para o mais difícil, em que o objetivo geral era propiciar a vivência de movimentos de ginástica para todos ampliando o repertório de conhecimento da cultura corporal. Para tal

buscamos explorar os movimentos básicos da ginástica para as crianças, apresentando-a como expressão de conhecimento da cultura corporal (SOARES, et al, 2012). Dessa maneira as intervenções tinham 50 minutos de duração e aconteciam às terças e quintas feiras, na última aula da turma. As atividades foram em sua maioria aplicadas no espaço da quadra de esportes disponível na instituição e o desafio era desenvolver aulas de ginástica dentro de um espaço escolar. Contudo, os objetivos específicos contemplaram o aprendizado integral das crianças, ensinando a ginástica em seu contexto histórico e que gerassem desafios às habilidades motoras básicas de correr para fugir, arremessar para caçar, deslocar-se em longos períodos, mergulhar e nadar, saltar e trepar que eram cruciais na luta pela sobrevivência do homem pré- histórico (SOARES, et al, 2012).

Para que ocorrem um contato maior das crianças com o conteúdo, as interações utilizava de recursos pedagógicos diversos e que possibilitassem uma interrelação com outras linguagens como a música, o teatro e as artes. Em uma das atividades foi proposto construir um brinquedo que reproduzia a referencia da fita na ginástica, trazendo de outras maneiras a fluidez do conteúdo da cultura corporal. Na intenção de promover significados e signos, as aulas eram estruturadas em uma roda de conversa no início da aula, alinhando as regras que alinhavam-se às expectativas de aprendizagem do professor e da turma. Depois, eram desenvolvidas atividades de conteúdos da ginástica, essas atividades iam se complexando a cada vez, tendo como apice a uma volta à calma com atividades de respiração. No final era feito a roda de conversa onde o professor fazia perguntas pertinentes à aula e sobre o conteúdo, no qual era feito uma avaliação dos objetivos propostos. Os objetivos eram revisados pela professora coordenadora de campo, enfatizando a coerência entre as atividades e o objetivo geral. Para a avaliação foi criado uma tabela em que marcávamos as variáveis ensinadas em cada intervenção, buscando identificar os pontos de melhoria e ajustar na aula seguinte. Assim, com o tempo a autoridade dos professores era visível, no entanto, tais aspectos se expressaram apenas no fim das intervenções, e o afeto construído a cada encontro se expressaram em choro por parte das crianças no encontro de despedida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A prática do estágio obrigatório direcionado à Educação Infantil possibilitou graduandos de Educação Física de vivenciar a prática pedagógica nesse universo. Freitas e

Stigger (2015), reviveram a prática do estágio numa perspectiva de observação, no intuito de identificar as motivações das crianças durante as aulas de Educação Física e evidencia que atividades desafiadoras e as que permitem o protagonismo estão presentes na expressão de interação com as atividades. No estágio essa necessidade de protagonismo expressou-se com as crianças necessitarem a todo momento da atenção do professor. Como a ginástica reflete uma competição sobre execução de movimentos simétricos e coordenados ao máximo da exuberância do corpo foi necessário o cuidado à desportivação da prática da ginástica na escola, procuramos relacionar entre as diversas linguagens e materiais que permitissem as crianças a se apropriarem das habilidades desenvolvidas. Richter, Gonçalves e Vaz (2011), refletem e compartilham os desafios da prática do esporte como conteúdo na educação infantil, ressignificando a prática do esporte, pela brincadeira, pelo brinquedo e os significados dados pela criança.

As crianças demoraram para dar confiança e entender a diferença entre a aula de Educação Física e o recreio, devido a ausência de professores de Educação Física atuando em turmas de Educação Infantil. Isso reflete, a tendência na pré-escola de utilizar da recreação para contemplar a educação do corpo numa perspectiva descolarizante levada ao extremo (SAYÃO, 1996). Então as aulas de Educação Física, negada na educação anterior pode interferir no comportamento e perspectiva das crianças sobre o conhecimento e o entendimento do próprio corpo. Muitas vezes as crianças simplesmente dispersavam e distraíam com atividades externa, talvez pela quantidade de aluno, pois mesmo com uma equipe de 3-5 pessoas de apoio pedagógico, a contenção das aulas era sempre desafiadora, tendo ocorrência de volta para sala devido à indisciplina, dispersão, quebra de regras, brigas e outras atitudes que impediam o acesso aos objetivos estipulados no planejamento.

Contudo na última intervenção utilizamos de figura para que eles apontassem características dos movimentos aprendidos dispostos em diferentes figuras. A maioria da crianças identificaram os diversos movimentos e concretizaram a expectativa do aprendizado da ginástica como conhecimento da cultura corporal.

REFERÊNCIAS

ARCE, A. Pedagogia da infância ou fetichismo da infância? In: DUARTE, N. (org.). **Crítica ao fetichismo da individualidade**. Campinas: Autores Associados, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

SOARES, C. L. et al. **Metodologia do ensino de educação física**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2012.

FREITAS, M. V.; STIGGER, M. P. As brincadeiras nas aulas de educação física e seus significados para as crianças. **Motrivivência**, v. 27, n. 45, p. 74-83, set. 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-8042.2015v27n45p74>. Acesso em: 23 jun. 2023.

GOIÂNIA. **Projeto Político Pedagógico**: Escola Municipal em Tempo Integral Professora Lousinha. Secretaria Municipal de Educação, abr. 2022.

HOFFMANN, J. M. L. **Avaliação mediadora**: uma relação dialógica na construção do conhecimento. Porto Alegre: Mediação, 1991. Disponível em: http://www.ufpel.edu.br/crm/pgl/diversos/avaliacao_mediadora.pdf. Acesso em: 7 jun. 2023.

KRAMER, S. **Profissionais de educação infantil**: gestão e formação. São Paulo: Ática, 2005.

MERISSE, A. et al. **Lugares da infância**: reflexões sobre a história da criança na fábrica, creche e orfanato. São Paulo: Arte e Ciência, 1997.

RICHTER, A. C.; GONÇALVES, M. C.; VAZ, A. F. Considerações sobre a presença do esporte na educação física infantil: reflexões e experiências. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 41, p. 181-195, jul./set. 2011.

SAYÃO, D. T. Educação física na pré-escola: principais influências teóricas. In: **Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte**, v. 10, 1997.

SILVA, E. J. S. A educação física como componente curricular na educação infantil: elementos para uma proposta de ensino. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 127-142, maio 2005.

STEMMER, M. R. G. Educação infantil: gênese e perspectivas. **Educação Infantil versus Educação Escolar**, p. 5-32, 2012.

TRISTÃO, A. D.; VAZ, A. F. Sobre a formação de professores de educação física que atuam com crianças pequenas: relato de experiência. **Políticas Educativas**, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 20-36, 2014.